



A deconialidade na prática de mediar/contar histórias na formação inicial do professor das séries iniciais e EJAI

Deconiality in the practice of mediating/telling stories in the initial training of teachers in the initial grades and EJAI

Joany Santos FARIAS¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rayana Cristina da SILVA²
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Thalya Maria Alves SILVA³
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Isabel Cristina França dos Santos RODRIGUES⁴
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo socializar a experiência os momentos de integração no desenvolvimento do minicurso de mediação de leitura e contação de histórias com ênfase na formação inicial do professor dos Anos Iniciais e EJAI, na perspectiva decolonial. No exercício de monitoria as graduandas: Joany Farias, Rayana Santos e Thalya Silva; os sujeitos participantes são licenciandos e futuros alfabetizadores (UFPA). Metodologicamente foram contemplados seis momentos articulados aos estudos basilares de Mignolo(2017), Soares(2002) e Freire(2019) que circundam as práticas sociais dos sujeitos. Houve o desempenho dos movimentos de simulação no ato de mediar ou/e contar histórias para si e para outros envolvidos de forma integradora, ademais, versar sobre suas diferenciações. Nesse viés, a questão que norteia este trabalho é: Qual a relação da decolonialidade no ato de mediar e/ou contar histórias? Sendo assim, constatamos que a oficina proporcionou uma aprendizagem significativa, o (re)conhecimento de identidades plurais, a prática da oralidade na troca de saberes das vivências nos diálogos. Os resultados evidenciaram que poucos licenciandos apresentaram entraves nas relações dialógicas iniciais, em tempo curto permaneceram como ouvintes e, conforme o envolvimento de outros foram assumindo papéis singulares, empoderando-se e engajando-se no processo.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonial. Docência. Alfabetizadores.

ABSTRACT: This article aims to socialize the experience of moments of integration in the development of the reading and storytelling mediation mini-course with an emphasis on the initial

¹ joanyfarias30@gmail.com

² rayanachristinha08@gmail.com

³ thalyamaria94@gmail.com

⁴ irodrigues@ufpa.br



training of the Early Years and EJAI teacher, from a decolonial perspective. In the monitoring exercise, the undergraduates: Joany Farias, Rayana Santos and Thalya Silva; the participating subjects are undergraduate and future literacy teachers (UFPA). Methodologically, six moments linked to the basic studies of Mignolo (2017), Soares (2002) and Freire (2019) that surround the social practices of the subjects were considered. There was the performance of simulation movements in the act of mediating or/and telling stories to oneself and to others involved in an integrative way, in addition, talking about their differences. In this sense, the question that guides this work is: What is the relationship of decoloniality in the act of mediating and/or telling stories? Therefore, we found that the workshop provided significant learning, the (re)knowledge of plural identities, the practice of orality in the exchange of knowledge from experiences in dialogues. The results showed that few undergraduates presented obstacles in the initial dialogical relationships, in a short time they remained as listeners and, depending on the involvement of others, they took on unique roles, empowering themselves and engaging in the process.

KEYWORDS: Decolonial. Teaching. Literacy teachers.

Introdução

Construir, formar, potencializar habilidades e competências em professores na formação inicial das Séries Iniciais e EJAI, são bases essenciais para exercer a prática pedagógica significativa, tanto nos espaços formais ou não-formais de ensino. Isso garante a completude da identidade plena da profissão docente, pois estará apto em sua totalidade a promover o ensino e aprendizagem nos seus futuros educandos de forma mais dinâmica e prazerosa. É compreensível pensarmos criticamente na necessidade de investimentos na formação continuada, a qual proporcionará o desenvolvendo e adaptação de novas metodologias e estratégias educativas interdisciplinares significativas, seja para mediar leitura ou/e contar história e/ou contribuir na aquisição dos conhecimentos dos conteúdos disciplinares.

Para isso este trabalho vem explicitando os desdobramentos do processo do desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais que os alfabetizadores devem apropriar-se, assim desprender-se das amarras coloniais enraizadas ainda obscuras na sociedade. No entanto, é urgente o movimento de luta e o empoderamento do “entendimento da decolonialidade como meio de denúncia, de luta, mas também como teoria, conceitos e categorias no desenvolvimento da experiência histórica” (Lucini, Oliveira, 2020).

Vale frisar que a socialização da experiência na monitoria, motiva-se pela necessidade de contribuir e ampliar o conhecimento empírico dos futuros



professores/alfabetizadores em sua formação inicial e continuada no que tange a mediação e contação histórias, ademais, dar voz e visibilidade aos trabalhos correlatos que contribuem para a Educação, os quais continuamente estudados, planejados e desenvolvidos por projetos, como o Projeto de extensão (PIBEX), intitulado: Histórias de vida, decolonialidade e processos de alfabetização e letramento(s) na Formação docente (PIBEX-2022), atuando como bolsista Joany Farias; entre outros projetos articulados, a exemplo, o Grupo de estudo de pesquisa sobre Alfabetização, letramentos e práticas docentes na Amazônia – GALPDA (CNPq), coordenados pelas Profa. Dra. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues e Elizabeth Gomes Souza na UFPA, os quais atuam em diversos espaços formais e não-formais de ensino, remotamente ou presencial, na Amazônia Paraense.

O trabalho inicialmente funda-se nas abordagens teóricas dos seguintes: Mignolo (2017), Soares (2002), Freire (2019); Oliveira e Lucini (2020) e Afonso (2012). No percurso metodológico apresentaremos ordenadamente os seis momentos do minicurso de contação e mediação de histórias; após socializaremos de forma articulada os momentos vivenciados, simultaneamente, acompanhados dos principais registros e, por fim, as considerações finais evidenciadas nas relações dialógicas e práticas entre os sujeitos participantes.

1 Desenvolvimento

No exercício da monitoria das professoras em formação: Joany Farias, Rayana Santos e Thalya Silva, graduandas do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens na Universidade Federal do Pará (UFPA), objetivamos socializar a vivência dos momentos de integração mobilizados no desenvolvimento do minicurso ministrado pela Profa. Dra. Isabel França, tematizando estudos referenciais e prática da contação de história e mediação de leitura, diante de um olhar decolonial.

Nesse viés, para delinear o presente trabalho, nos inquietamos com a seguinte questão: Qual a relação da decolonialidade no ato de mediar e contar histórias? Dessa forma, relacionando as práticas socioculturais dos sujeitos aprendentes, valorizando seu arcabouço de conhecimento.



O presente trabalho trata-se de uma abordagem qualitativa, realizado a partir do desenvolvimento do minicurso de mediação de leitura e contação de história ministrado e coordenado pela Profa. Dra. Isabel França e, na função de monitoria as professoras em formação: Joany Farias, Rayana dos Santos e Thalya Alves, as quais socializam a experiência dos momentos da prática vivenciada.

O minicurso ocorreu em 20 de setembro de 2022, turno da tarde, na Universidade Federal do Pará, tendo como sujeitos participantes os graduandos (1º semestre) e futuros alfabetizadores do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens.

Para melhor compreensão, segue a descrição dos momentos:

- 1º momento: Apresentação do cronograma das etapas da oficina, orientações, discussões iniciais sobre o conceito teórico de mediar e contar histórias na EJA e Séries Iniciais; construção do cenário alfabetizador.
- 2º momento: Apresentação do slide contendo estudos e teorias pertinentes ao tema. Todos os participantes posicionam-se em roda de conversa.
- 3º momento: discussão dialógica e análise dos momentos anteriores envolvendo as vivências do cotidiano.
- 4º momento: Praticando em movimento “livre” na sala de aula: mediar história com o outro simultaneamente.
- 5º momento: Exercício de voz, performance, corpo e narrativas orais.
- Intervalo
- 6º momento: Apresentação/simulação das equipes da contação e mediação de histórias. O acervo da literatura foi selecionado pelos próprios professores/alfabetizadores.

2 Resultados

No primeiro e segundo momento, a construção do cenário alfabetizador e a roda de conversa são mobilizados pelos diálogos interativos rompendo com as metodologias de ensino tradicional, momentos em que se valorizam os repertórios de vivências dos alfabetizadores, que por sua vez, poucos destes demonstraram resistência para participar,



até quando perceberam que a roda de conversa proporcionou a aproximação da identidade do outro e a troca de narrativas orais livres. Além disso, encontraram-se deslumbrados pelos cenários alfabetizadores autorais redimensionado em cada parte da sala de aula, cenários com “...Um carrinho de feira adaptado para acolher os livros dos gêneros diversos, uma maleta enfeitada, saias e macacões enfeitados, além de sobrinhas de crochê criam e recriam cenários de contação de histórias e de mediação de leitura.” (FRANÇA,2020).

Vejamos as imagens dos dois primeiros momentos:



Fonte: Acervo das autoras

Ora, então a prática de mediar leitura e contar histórias nos mais diversos espaços, transformando-os em cenários alfabetizadores é uma atitude decolonial. No geral, para a classe desprivilegiada da sociedade os espaços não são favoráveis para se alfabetizar letrando, para Magda Soares “...o nível de letramento de grupos sociais, relacionam-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, condições para o letramento.” (p.58). Daí a importância da disposição variada do acervo literário selecionado pelos próprios sujeitos, oportunizando e valorizando a troca de saberes em prol de suas aprendizagens. Magda Soares ainda pontua que, a primeira condição relaciona-se quanto à “escolarização real e efetiva da população e a segunda “disponibilidade de material de leitura”; tais condições, se não forem favoráveis, impedem de criar condições básicas para alfabetizar.

A mobilização inicial do cenário alfabetizador, estimulou os sujeitos a se envolverem nas dinâmicas na sala de aula, mantendo o diálogo efetivo no exercício oral de contar e mediar histórias rememoradas para si e com outros. Vejamos:



Fonte: acervo das autoras

Frente ao objetivo, o desafio foi buscar, criar e recriar os espaços educativos alfabetizadores e encantadores no ambiente de ensino acadêmico, mobilizando as identidades e saberes dos sujeitos diversos que possam favorecer e despertar o agir docente, expandindo e resistindo para além dos limites impostos da matriz colonial.

Observa-se que em todos os momentos, o uso da tecnologia é dispensável, a exemplo os dispositivos móveis (celulares), salvo para registro, o "pensamento tecnológico", segundo Mignolo (2017), é deixado de lado espontaneamente pelos sujeitos sem nenhuma condição ou negociação. Então, a inclusão acontece, pois conscientemente os livros são os principais instrumentos e ferramentas de acesso e manipulação livre, ademais, despertam o universo da leitura, do ensino e da aprendizagem sem meros depósitos de menus digitais.



Fonte: acervo das autoras

Nos dois últimos momentos em que a simulação de contação e mediação histórias de forma autoral, os alfabetizadores já socializando com outros por meio da leitura em voz alta atrelada aos movimentos gestuais, emoções e olhares, eles demonstram confiança



e segurança. Uns empoderam-se mais rapidamente que outros, que por sua vez estimulam a prática por meio do diálogo efetivo, aprendendo e ensinando em suas narrativas e movimentos.

Nota-se que o êxito do trabalho docente transita nas práticas pedagógicas na sala de aula. Os professores e alfabetizadores, agora foram seduzidos pela literatura que mais o atraiu, curiosamente apega-se ao livro e manipula-o, preparando-se para finalmente compartilhar o aprendizado.

Nesse esteio, o nascimento de futuros leitores depende de todo um processo sistemático educacional que promova o desejo e curiosidade pela enorme literatura acessível que nos cerca nas práticas de vivência. A influência do comportamento leitor docente tem o poder de transformar a vida de outros em seu entorno.

3 Considerações finais

É possível constatar com a socialização deste trabalho, que os professores desde sua formação inicial precisam inter-relacionar e apropriar-se do conceito e exercício da decolonialidade em suas práticas sociais para então atuar e desenvolver práticas educativas para além dos muros da escola.

Na função de monitoras e futuras professoras/alfabetizadoras, aprendemos que continuamente necessitamos estar em constante formação, pois compreendendo a nossa experiência, amadurecemos profissionalmente ao mesmo tempo que exercitamos a prática com a orientadora. Isso pensando criticamente, na carência de profissionais aptos e hábeis que desenvolvam competências imprescindíveis para mediar e/ou contar histórias desprendendo-se do tradicionalismo, e é possível desprendermos de nossas limitações e pensamentos coloniais, ademais o quanto inquestionavelmente isso contribuiu para a nossa formação e bagagem de conhecimento articulando teoria e prática.

No entanto, é fundamental dominar o acervo de literatura que envolva os interesses dos educandos em conformidade a sua realidade, todavia atentar-se desde o início da formação inicial do professor educador, para que no percurso da graduação (re)conheça suas dificuldades e, assim possa atenuar significativamente em suas habilidades a desenvolver buscando aprimorá-las cada vez mais.



REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Aparecida Valentim. **Formação do professor: contação de histórias e mediação de leitura**. Anais IV ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/786>. Acesso em: 18 de set de 2022

FRANÇA DOS SANTOS RODRIGUES, I. C. **Escolas De Ontem E De Hoje Na Amazônia Paraense: Fissuras Em Prol Das Aprendizagens E Da Formação Docente**. REMATEC, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 224–241, 2020. DOI: 10.37084/REMATEC.1980-3141.2020. n. 33. P. 224-241.id230. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/149>. Acesso em: 4 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MAGALHÃES, Tânia Guedes. Por uma pedagogia do oral. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 11, n. 2, dez. 2008. ISSN 2237-4876. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3053/4671>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade**. Trad. Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2017, p. 1-18.

RUFINO, Leonardo Ferreira. **Relato de experiência de monitoria no curso de física-licenciatura: desafios e aprendizagens no trajeto “discente-monitor” na disciplina de didática**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/22175>. Acesso em: 29 de mar. De 2023

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 2002